

TRABALHO NA SAFRA, UMA ATIVIDADE FEMININA? MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA INDÚSTRIA FUMAGEIRA

Renata da Silveira Borstmann
Karine Vanessa Perez

RESUMO

As transformações no mundo do trabalho, contribuíram para um contexto em que as condições de trabalho tornam-se cada vez mais flexíveis. Houve um aumento na precarização das relações de trabalho, que são manifestadas, principalmente, na instabilidade dos empregos, na informalidade, nos trabalhos subcontratados, temporários e parciais. Essas mudanças tiveram forte impacto na classe trabalhadora, afetando na inserção e nas condições de trabalho, principalmente para o público feminino, visto que, historicamente, as mulheres têm sido desvalorizadas em detrimento da força de trabalho masculina. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo compreender os processos de subjetivação e as relações de gênero no trabalho de safra das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul. Desse modo, buscou-se identificar quais os efeitos que este trabalho sazonal produz na vida das trabalhadoras safristas, o qual é marcado por condições precárias, interrupção previsível e repetição ao longo dos anos. Esse estudo ancorou-se nos pressupostos teóricos e práticos da Psicodinâmica do Trabalho, que tem também como objetivo compreender a relação entre prazer-sofrimento no trabalho. Assim, foram realizados três encontros de grupos com quatro trabalhadoras safristas no Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA) e quatro entrevistas individuais. Ao total oito trabalhadoras participaram desta pesquisa. Na análise do material da pesquisa foi considerado o coletivo nas falas das participantes, ou seja, os aspectos em comuns e relevantes da realidade do trabalho de safra. Evidenciou-se que as participantes se subjetivam nesse trabalho temporário, configurando-se como um modo de trabalhar em que há uma interrupção e, ao mesmo tempo, continuidade ao longo dos anos. O trabalho de safra também se mostrou como única oportunidade trabalho para as participantes, levando ao retorno para o mesmo. Foi constatado que o trabalho na safra se constitui como um trabalho essencialmente feminino, dado o elevado número de trabalhadoras mulheres nesse ramo produtivo. Contudo, através das falas das participantes constatou-se que, além dos percalços encontrados neste contexto, há prazer neste trabalho, constituindo-se como um espaço de socialização, para além do âmbito doméstico.

Palavras chaves: Trabalho de safra. Trabalho e Gênero. Produção de Subjetividade. Psicodinâmica do Trabalho.

INTRODUÇÃO

As transformações no mundo do trabalho, baseada na forma capitalista de produzir, implicaram em grandes consequências, contribuindo para um contexto no qual os modos de trabalhar tornam-se cada vez mais flexíveis. Deste modo, houve um aumento na precarização das relações de trabalho, que são manifestadas, principalmente, na instabilidade dos empregos, na informalização, nos trabalhos subcontratados, temporários e parciais, além da perda dos direitos e conquistas trabalhistas.

Todas essas mudanças têm produzido um forte impacto sob a classe trabalhadora, afetando na inserção e nas condições de trabalho, principalmente para o público feminino, visto que, historicamente, as mulheres sempre foram desvalorizadas. Dentro de uma perspectiva das relações de gênero, as desigualdades construídas social e culturalmente, definiram quais os espaços a serem ocupados pelos sexos, implicando em diferenciações e hierarquizações sociais. (HENNIGEN; GUARESCHI, 2008). Nesse sentido, o desemprego, o aumento dos postos de trabalho temporário, com jornada parcial e com menores rendimentos, ainda abrange, em maior número, o segmento feminino.

A cidade de Santa Cruz do Sul é conhecida como a “Capital do Fumo”, pois desde os seus primórdios tem uma relação estreita com a produção do tabaco. Na cidade encontra-se o maior complexo beneficiamento de fumo em folha, contando com a presença de grandes indústrias fumageiras. Sendo assim, grande parte do mercado de trabalho da cidade está envolvida na dinâmica deste ramo produtivo.

Durante um determinado período do ano o número de pessoas empregadas no município se eleva devido à necessidade de utilização de mão de obra para a safra. A maioria dos trabalhadores(as) safristas são mulheres, as quais atuam na linha de produção da indústria. A possibilidade de trabalho nas fumageiras representa para essas trabalhadoras, que possuem pouca ou nenhuma qualificação, uma oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Para muitas, esta é a única experiência de emprego que possuem, repetindo-se por vários anos, seja na mesma empresa ou em outras.

Nesse sentido, muitas mulheres com baixa ou nenhuma qualificação e provindas, principalmente, de bairros periféricos da cidade, experienciam o trabalho de safra nas indústrias fumageiras de Santa Cruz do Sul. Esse trabalho sazonal, na maioria das vezes, é a única experiência profissional que possuem, sendo marcado por interrupção previsível, mas repetidas ao longo dos anos. Dessa forma, no período em que inicia a safra do fumo, as trabalhadoras se organizam e entram em estado de espera para o retorno neste trabalho.

A temporalidade que atravessa o trabalho de safra produz efeitos nos processos de subjetivação destas trabalhadoras. Mesmo sem manter um vínculo de continuidade durante o restante do ano neste trabalho e sem ter a garantia de que serão contratadas novamente na safra seguinte, estas se constituem e se denominam como “trabalhadoras safristas”.

Diante destas questões torna-se emergente compreender como ocorrem os processos de produção de subjetividade e as relações de gênero no trabalho de safra nas indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul. Com objetivo de analisar e problematizar, será realizada uma discussão através de uma perspectiva de gênero, sobre quais os impactos que as transformações contemporâneas no mundo trabalho acarretam na vida destas trabalhadoras.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi através dos pressupostos teóricos e a práxis da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours, a qual tem como principal objetivo compreender a relação entre prazer-sofrimento no trabalho. Assim, esta pesquisa objetivou compreender por meio do coletivo como ocorrem os processos de subjetivação e as relações de gênero no trabalho de safra das indústrias do fumo de Santa Cruz do Sul.

A proposta inicial desta pesquisa era a realização de encontros de grupos com as trabalhadoras safristas. Contudo, tendo em vista a dinâmica deste trabalho sazonal, não foi possível realizar apenas os encontros de grupo, devido ao pequeno número de participantes. Dessa forma, algumas alterações foram necessárias ao decorrer do andamento da pesquisa, em que foi necessário realizar algumas adaptações na metodologia, como o acréscimo de entrevistas individuais semiestruturadas.

O principal método desta teoria é construído a partir de uma série de etapas que servem como norteadoras para o trabalho de campo. (DEJOURS, 2008). Contudo, cabe salientar que, por mais fundamentais que sejam seguir as etapas, existe a compreensão de que cada situação de trabalho é única e que exigirá algumas adaptações, que, de todo o modo, não devem comprometer a integridade do método (HELOANI; LANCMAN, 2004).

As etapas que fizeram parte desta pesquisa consistiram na pré-pesquisa, que diz respeito aos contatos estabelecidos e a formação dos encontros de grupos com as trabalhadoras; a pesquisa propriamente dita, que consiste na realização da pesquisa de campo, a qual abarca a análise do material da pesquisa, as entrevistas coletivas e individuais, a caracterização das trabalhadoras participantes e a observação clínica, a interpretação do material e a validação a partir da perlaboração. (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2007).

A pré-pesquisa foi desenvolvida inicialmente, através de uma reunião no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) a fim verificar viabilidade desta pesquisa. Estavam presentes alguns profissionais envolvidos na área da saúde do(a) trabalhador(a), além da presença do diretor do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação (STIFA), o qual se disponibilizou a intermediar o contato com as trabalhadoras safristas.

Na pesquisa propriamente foram realizados os encontros de grupos e as entrevistas individuais com as trabalhadoras safristas. De acordo com as possibilidades encontradas no campo, foram realizados três encontros de grupo com quatro trabalhadoras safristas. Importante salientar que nem todos os encontros foram realizados com as mesmas participantes. Os mesmos aconteceram na sala de reuniões do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação. Ademais, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas

com as trabalhadoras as safristas. As mesmas foram agendadas previamente, de acordo com as possibilidades das participantes, sendo realizadas em suas residências.

Em relação a caracterização dos participantes, totalizaram 8 trabalhadoras safristas das empresas fumageiras de Santa Cruz do Sul. A amostra foi criada a partir da disponibilização dos contatos das trabalhadoras pelo Sindicato dos Trabalhadores do Fumo e da Alimentação. Os critérios utilizados para selecionar as participantes foi de que as mesmas tenham trabalhado, no mínimo, duas safras consecutivas. A escolha por este número mínimo de safra trabalhadas ocorre devido ao desejo de compreender, juntamente com as trabalhadoras safristas, a vivência deste trabalho, no qual é marcado por previsibilidade em sua interrupção e repetição. A escolha pelo segmento feminino é justificada devido ao maior número de trabalhadoras mulheres nas indústrias fumageiras nas atividades de safra.

As trabalhadoras participantes da pesquisa possuem idade entre 37 a 79 anos, caracterizando uma média de 52,12 anos. As escolaridades das participantes variaram entre 3 que possuem ensino fundamental incompleto, 3 ensino fundamental completo e 2 ensino médio completo. Todas as participantes são casadas, exceto uma, que é viúva. Todas as participantes possuem filhos, variando entre 2 a 6 filhos.

O tempo de trabalho de safra variou entre 4 a 40 anos, obtendo uma média de 17,25 anos. Em relação as empresas, houve 4 diferentes fumageiras em que as participantes trabalham atualmente. Apenas duas participantes não estavam trabalhando na safra do fumo no momento da realização da pesquisa.

O material analisado na pesquisa foi através da fala do trabalhador(a) ou “comentário verbal” (DEJOURS, 2004), através de suas formulações subjetivas. De acordo com o autor, o que interessa para a psicodinâmica do trabalho não é a objetividade dos fatos, mas sim a versão que as trabalhadoras têm sobre este, através do que será construído no coletivo. Sendo assim, é através do que foi dito pelas trabalhadoras que se pode-se perceber como o coletivo pensa sua relação com o trabalho.

Assim, o material da pesquisa foi o resultado das vivências subjetivas manifestadas pelo grupo de trabalhadoras durante os encontros coletivos ou individuais. De acordo com Lavanchich (2015) esse material é apreendido a partir das falas dos trabalhadores e do contexto no qual elas são ditas, abarcando a hipóteses sobre os porquês, a maneira como estabelecem as relações com o trabalho, bem como a formulação que as trabalhadoras fazem sobre sua percepção em relação ao trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trabalho, Subjetividade e Gênero

O trabalho por ser considerado central na vida dos(as) trabalhadores(as), produz um grande impacto na subjetividade dos trabalhadores. De acordo com (ABBAGNANO, 1998), a subjetividade pode ser compreendida como o “o caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de ‘meus’” (p. 58).

De acordo com a Psicodinâmica do Trabalho, a análise da relação entre subjetividade e trabalho sugere que há um intenso engajamento. Esta teoria defende a ideia de que o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no universo subjetivo. Assim, o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual sempre sai acrescentada, enaltecida, ou por outro lado, diminuída, mortificada. O trabalhar constitui para a subjetividade o ato de transformar. Desse modo, trabalhar não é somente produzir, mas também transformar a si mesmo, e na melhor das hipóteses, é um momento para que a subjetividade possa se testar e, até mesmo, se realizar. (DEJOURS, 2008).

A subjetividade é construída através da relação que são estabelecidas com o meio, no desenvolvimento da atividade e que é evidenciada nas lutas diárias pela afirmação de si, contra os sofrimentos e nas transformações de modos singulares de realização do trabalho. (BRITO *et al.*, 2012). Assim, no que se refere as questões de gênero, homens e mulheres se relacionam com base na subjetividade, sendo que cada um significa esse processo de acordo com suas experiências vividas. (MACEDO *et al.*, 2012).

O movimento pela emancipação do sexo feminino que teve seu início no século XX, combateu algumas questões que tornavam a mulher invisível ocasionando algumas transformações no contexto social, passando a atuar para além do espaço privado, ingressando assim no mercado de trabalho. (MACEDO *et al.*, 2012).

Cabe salientar, que mesmo com todas essas conquistas, a mulher ainda não possui a igualdade de gênero por completo, pois todos os acontecimentos ainda são centrados no público masculino. Assim, o avanço das mulheres no mundo do trabalho é gradual, não conseguindo romper em absoluto com o modelo patriarcal. (MACEDO *et al.* 2012). A divisão sexual do trabalho se mostra na medida que são construídas tarefas a serem desenvolvidas por homens e mulheres. Aos homens há uma associação de execução de trabalhos nobres, já às mulheres, o desempenho de trabalhos periféricos. (HIDRATA, 2002).

Todas essas transformações e construções sócio históricas levaram a diferentes modos de subjetivação. Além disso, as relações de gênero são vividas e experienciadas de maneira distintas, em que ambos atribuem diferentes significações à sua atividade laborativa. (MACEDO *et al.* 2012).

Safra do fumo: um trabalho feminino?

A inserção da mulher no mercado de trabalho é marcada por impasses, segregações e discriminações, colocando-as, geralmente, em condições menos favoráveis no campo profissional. Essa realidade é evidenciada a partir das condições trabalhistas e especialmente, pela forma como as mulheres se inserem no mundo laboral. As explicações para este panorama são um conjunto de fatores, tendo origem tanto no campo econômico, quanto a fatores socioculturais e institucionais: a diferença e a identidade feminina (biológica e social), o trabalho produtivo e reprodutivo, bem como a relação entre capitalismo e patriarcalismo, evidenciando a divisão sexual do trabalho. (D'ALONSO, 2008).

A divisão social do trabalho não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica, a existência de diferentes formas de propriedade, isto é, a divisão entre as condições e instrumentos ou meios de trabalho e do próprio trabalho, incidindo por sua vez na desigual distribuição do produto de trabalho. Numa palavra: a divisão social do trabalho engendra e é engendrada pela desigualdade social ou pela forma de propriedade. (CHAUÍ, 1980, p.61).

O Trabalho de Safratorna-se a única experiência possível dentro do mercado de trabalho formal para muitas mulheres que possuem baixa escolaridade e/ou baixa qualificação. Essa realidade é expressa através dos comentários verbais das participantes quando afirmam que há um número maior de mulheres atuando em comparação aos homens.

Ali é mais mulher. Muitas mulher. Eu acho que homem tem só uns 20.

[...] Tem um setor que tu olha assim, é só mulher. O setor da destala¹. Isso é umas 200, 300 mulheres, só assim num lugar.

*Sim, tem setores que tem 10, 12 homens. E 20, 30 mulheres.
Mais mulheres. Sempre mais mulheres.*

A inserção das mulheres no trabalho de safra acontece principalmente na linha de produção da indústria. Geralmente, realizam tarefas que exigem menor ou nenhuma qualificação, repetitivas e que necessitam de habilidade manual e delicadeza (manuseio das folhas do fumo). Já os homens ficam com a função de chefias e funções consideradas mais

¹Destala é o setor onde se tira o talo da folha para em seguida ser posta em molhos e transformada no rolo (informação obtida através das falas das participantes).

pesadas. De acordo com os comentários verbais das participantes, há uma naturalização desta prática, que para elas é uma questão óbvia que este trabalho deve ser realizado por mulheres.

Eu acho que porque a maioria o serviço é para mulher, né. Porque o piker² é mulher.

A destala é mulher. Alimentação é mulher e homem. Daí vem o recebimento, né.*

*Porque é um trabalho mais leve, né, o serviço do piker, da destala...
[...] Mas geralmente é mulher que tá destalando. Que nem no piker, tu não via um homem no piker. O homem era mais do serviço braçal, né. Tipo para ir lá e adicionar um fumo, ou carregar uma caixa, montar uma caixa, né.*

Porque o serviço que tem é mais para mulher. É para a destala. O homem, o que que o homem faz, o homem pega o talo, tem o serviço mais pesado. E a mulher não...

É porque ali é destala. Aí é só coisa de mulher. Homem é só para puxar alguma gaiola. Coisas pesada. Porque é só destala para trabalhar.

Sim, tem que ser só mulher. Homem não tem aquela prática, eu acho.

“Trabalho de mulher” é a forma como as participantes da pesquisa denominaram o as atividades na safra no fumo. De acordo com Fiorin, Oliveira e Dias (2014) a diferença entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” ainda estabelece um valor, sendo depreciado, muitas vezes, aquilo que é associado ao feminino. Há uma relação de que o homem é visto como poderoso e forte, já a mulher é concebida como frágil e dócil. Essas concepções corroboram para que a entrada no mundo do laboral para as mulheres ocorra de maneira desigual.

No setor produtivo, geralmente, as profissões que exigem força física e trabalhos pesados, em ambiente sujos ou insalubres, geralmente são associados a estereótipos masculinos, pois necessitam de coragem e força. Já o trabalho feminino é associado a algo que seja leve e fácil, que exija paciência e minuciosidade, caracterizando assim, a divisão sexual do trabalho. (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014).

Em relação as posições de lideranças no trabalho de safra, estes são ocupados majoritariamente por homens, segundo as falas das trabalhadoras safristãs. Criou-se uma cultura de que o homem possui um poder de liderança e de persuasão maior, sendo elas consideram que apenas estes conseguirão gerenciar um número grande de mulheres presentes no trabalho de safra. Além disso, as oportunidades de crescimento são evidenciadas na maioria das vezes para os homens em relação às mulheres.

² É a etapa que são retiradas as folhas de fumo que não são adequadas para o processamento final (informação obtida através das falas das participantes).

[...] sim, só encarregado homem.

[...] porque eles não querem encarregada mulher, lá.

Sim, já são comentários. Que mulher com mulher não vai dar certo, né. Que as mulheres não vão respeitar as mulheres como encarregadas. E os homens já põem mais respeito.

[...] porque que nem para comandar uma turma de 179 mulher, não é fácil, né.

Ali onde eu trabalhei, foi sempre mais homem. Na universal, a maioria é homem.

Só tem homens encarregados...

Mas para lidar com um bando de mulher... Só homem mesmo. O pior setor da empresa é a destala.

Mais homens. Geralmente eram homens, os líderes.

Percebe-se, portanto, a existência da divisão sexual no trabalho de safra, em que há uma tendência de colocar homens em cargos de maior qualificação e responsabilidade. A questão referente ao gênero no âmbito do trabalho implica em uma relação que, na maioria das vezes, o masculino é mais valorizado, o que conseqüentemente, produzem uma distribuição de oportunidades desiguais de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, conforme o seu sexo. Essas relações são construídas constantemente ao longo da história, em que a ideologia dominante reforça e reproduz a subalternidade da mulher, passando a se apoiar nela para a sobrevivência de suas estruturas hierárquicas, patriarcais e conservadoras. (MACÊDO; MACEDO, 2004).

Entretanto, há uma pequena movimentação entre as mulheres safristas, de questionar essas posições estabelecidas dentro das empresas, bem como a cultura que se estabeleceu dentro do contexto social do trabalho. Algumas concebem estas situações como uma reprodução machista, pois percebem a necessidade de haverem oportunidades de crescimento igualitária para todos.

Eu acho que é machismo da parte deles, né.

Mas é que eles não querem dar chance para a mulher, isso todo mundo já viu... Eles sempre dão uma puxadinha por ser mulher....

Contudo, evidenciou-se que as relações de gênero que colocam, muitas vezes, as mulheres em uma posição inferior em relação ao homem, se apresentam dentro do contexto do trabalho da safra do fumo. Há uma cultura instaurada de que os trabalhos que exigem uma maior cuidado e paciência são destinados à mulher e os trabalhos que exigem uma

força maior, para os homens. Além disso, a concepção de que os homens devem estar em posições de liderança para que os processos de trabalho aconteçam adequadamente, também estão presentes nos discursos produzidos pelas trabalhadoras. Porém, pode-se perceber que, lentamente, está havendo uma modificação nesta forma de pensamento, em que há uma reflexão e problematização dos discursos e práticas sexistas.

Produção de subjetividade a partir do trabalho de safra

A subjetividade pode ser compreendida como uma instância não centrada apenas no indivíduo, ou seja, como algo que é produzido através dos meios individuais, coletivos e institucionais. A mesma é uma produção inacabada que se estabelece através dos encontros que vivenciamos com o outro. (GUATTARI, 1992). Assim, ainda de acordo com o autor, a subjetividade é construída e modelada de acordo com o contexto social e histórico.

A subjetividade, por ser construída historicamente Guattari (1992), pressupõe que em cada época temos uma produção subjetiva. Assim, qualquer mudança que ocorra no meio social perpassa por uma produção de constante transformação de subjetividades, o que inclui os diferentes modos de ser e habitar os espaços de trabalho. Esta, pode ser considerada uma matéria prima mutante em que é possível experimentar e inventar diversas maneiras de ser e agir no mundo. Desse modo, por meio da história novos componentes são recorrentemente inventados e outros abandonados, na qual o sujeito se constrói intermediado por essa relação. (MANSANO, 2009).

Os modos de subjetivação produzem sujeitos singulares, através da produção dos discursos e das formas como são capturadas as relações de poder/saber. (FOUCAULT, 1995). Assim, os modos de subjetivação podem ter diferentes configurações, nas quais estas oportunizam diferentes formas de vida e formas de organização social, que se transformam no decorrer da história de acordo com os discursos vigentes. (MANSANO, 2009).

De acordo com Nardi (2006) o trabalho é um campo em que a subjetividade se renova, se modifica, se cristaliza e provoca resistência. Esta relação acontece pela forma como os sujeitos foram subjetivados enquanto trabalhadores(as), constituindo modos de ser, pensar e agir de acordo com os costumes e morais vigentes, bem como os regimes de verdades estabelecidos por intermédio dos discursos. (FOUCAULT, 1995). Assim, a subjetividade é pensada conforme a historicidade que são vividas as experiências, por intermédio do que é fabricado pelo quê e do como se faz no trabalho. (AMADOR, 2014).

O trabalho na safra do fumo provocou algumas modificações na produção de subjetividades das trabalhadoras safristas. Conforme os comentários verbais, ao ingressarem na safra, desenvolveram algumas características que antes não possuíam, tendo em vista que inicialmente estavam imersas em um contexto de trabalho mais

individualizado e solitário, características do âmbito doméstico. Através da convivência com outras pessoas, que possuem jeitos de ser diferentes dos seus, as trabalhadoras descrevem um desenvolvimento principalmente em suas relações interpessoais.

Tu convive com todas as classes sociais, sabe. E tu aprende muitas coisas. Tu aprende coisas boas e tu aprende coisas ruins, sabe. Então foi [...] para mim foi bom, sabe. Porque eu entrei, eu era muito ingênua. Porque eu casei nova, casei com 17, uma criança, né. E dentro de casa, aí eu saí, fui para a vida com 23 anos, eu não sabia nada. Não sabia nada. Aí tu convive com pessoas que passou por tudo, sabe.

Eu era muito tímida. Hoje eu já sou assim né, mais disposta de conversar... Lá tu né [...] tem muita gente, tu escuta muitas histórias, muitas coisas diferentes. E aí tu vai evoluindo no pensamento da gente como se diz. Evolui no pensamento.

[...] na marra tu amadurece, sabe. E tu tem várias opções, pode fazer várias coisas, porque é como eu te disse, tu convive com muita gente. E como eu posso te explicar, com todo o tipo de gente, com jovem, idoso, mulher, homens, sabe. Então foi muito válido para mim.

Ademais, o trabalho no fumo também possibilitou que as trabalhadoras pudessem ter outras visões de mundo, através das vivências e experiências do e no trabalho. De acordo com Nardi (2006) os modos de subjetivação vão se constituindo conforme as diferentes formas pelas quais os sujeitos constroem e são construídos a partir das experiências que vivenciam no cotidiano no trabalho.

[...] Cada ano é uma experiência nova. Cada ano é colegas novas, encarregado novo...

[...] Porque a gente na vida nunca sabe o que chega, né. A gente tá sempre aprendendo. Sempre descobrindo coisas diferentes, coisas novas.

[...] A gente, como eu, aprendi a conviver muito com outras pessoas. E assim, claro, eu fico na minha. Eu sou uma pessoa assim, eu posso escutar, eu posso tudo. Mas eu fico sempre na minha. Eu aprendi muita coisa assim. Trabalho, faço o meu serviço, não precisa alguém tá, eu sei o que eu tenho que fazer. E assim, é isso.

Além do desenvolvimento interpessoal verbalizado pelas safristas em seus processos de subjetivação, outra questão que também mostrou-se pertinente foi a forma como este trabalho está organizado. A dimensão do tempo de trabalho na safra do fumo também engendra os processos de subjetivação das trabalhadoras safristas, tendo em vista que mesmo sendo sazonal, em que há uma ruptura em seu percurso, há uma espera pela safra seguinte.

[...] porque assim, um pouco eu acho que eu acostumei, com aquela rotina e sei lá, não consigo ficar parada. Chega o tempo do serviço, eu tenho que trabalhar.

Eu gosto assim, sabe. Eu já fico naquela [...] chega mês de novembro, dezembro já fica ansiada. Oh em janeiro ou fevereiro já posso ligar, né. Já posso ir de novo. Daí tu encontra as pessoas, encontra as colegas. Muita gente diferente, né. É muito satisfatório assim tu ir lá. Eu gosto.

De acordo com Guattari (1992) os processos de subjetivação acontecem através do encontro com o outro, com objetos, lugares, pelos atravessamentos com o tempo, com os sentimentos, com as leituras de realidade, enfim, com aquilo que causa uma perturbação. O trabalho na safra do fumo se articula com novas discussões contemporâneas em relação ao tempo. Sendo assim, podemos pensar que a forma como as trabalhadoras organizaram a sua dinâmica de vida, esta aliada a essa nova configuração de tempo do trabalho, as subjetivando-se através da repetição e da interrupção previsível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a centralidade que o trabalho possui na vida dos sujeitos. Este tem um papel potencializador de empoderamento e emancipação, de produção de subjetividade e de reconhecimento social, bem como de vivências de prazer e realização. Entretanto, pode se tornar alienante e causador de sofrimento, na medida que o capital se apropria de certas organizações e relações de trabalho.

O trabalho na safra no fumo torna-se se uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, visto que, por possuírem baixa escolaridade e/ou baixa qualificação, tiveram dificuldades de ingressar em outros contextos de trabalho. Ademais, tendo em vista o modo de organização deste trabalho sazonal, torna-se uma possibilidade de trabalho para muitas mulheres que não possuem alternativas de locais para deixarem seus filhos, tendo em vista que estas ainda são as principais responsáveis pelo cuidado dos mesmos.

Constatou-se que as mulheres desempenham tarefas mais desqualificadas e repetitivas dentro do processo de produção, enquanto os homens ficam em cargos de chefia, denotando a exploração da força feminina de trabalho. Além disso, o trabalho de safra foi definido culturalmente como um “trabalho de mulher”, devido as características necessárias para o desenvolvimento das tarefas – minuciosidade e delicadeza – que são atribuídas socialmente ao feminino.

A lógica deste trabalho sazonal atravessa a produção subjetividade destas trabalhadoras. Mesmo com a ruptura previsível durante o processo de trabalho, há uma espera para a próxima safra. Algumas participantes, inclusive, quando tiveram a oportunidade de um emprego fixo, retornaram para a safra, apontando este como um “vício”. Essas questões denotam, portanto, a forma como as trabalhadoras se estruturam e se organizam neste contexto de trabalho, se subjetivando nesta temporalidade sazonal, seja

pela falta de opções emprego ou pela repetição durante vários anos na safra, mesmo que contrarie o desejo de um emprego que efetivo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMADOR, Fernanda Spanier. Três movimentos para problematizar o trabalho no Contemporâneo. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 255-265, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000300008>. Acesso em: jun 2017.

CHAUÍ, Marilene. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DALONSO, Glaucia de Lima. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. *Psicol. Am. Lat.*, México , n. 15, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000400003>. Acesso em: jun 2017.

DEJOURS, Christophe. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte (Org.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2008.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. *Prod.*, São Paulo , v. 14, n. 3, p. 27-34, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004>. Acesso em: jun 2017.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Rev. bras. orientac. prof.*, São Paulo , v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005>. Acesso em: jun 2017.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HELOANI, Roberto; LACMAN, Selma. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Revista Produção*, v. 14, n. 3, p. 077-086, Set./Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prod/v14n3/PROD%20v14%20n3.pdf#page=77>>. Acesso em: maio 2017.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Os lugares de pais e de mães na mídia contemporânea: questões de gênero. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 81-90, abr. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100009>. Acesso em: jun 2017.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Bontempo, 2002.

LAVNCHICHA, Glayce Rejane Felipe da Silva. A clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método. *Khóra: Revista Transdisciplinar*, v. 2, n. 2, maio 2015. Disponível em: <<http://site.feuc.br/khora/index.php/vol/article/view/45>>. Acesso em: maio 2017.

MACEDO, F. *et al.* Relações de gênero e subjetividade na mineração: um estudo a partir da fenomenologia social. Rio de Janeiro: *RAC*, v.16, n°2: 217-236, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a04.pdf>>. Acesso em: jun 2012.

MACEDO, Goiacira Segurado; MACEDO, Kátia Barbosa. As relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 61-90, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572004000100004>. Acesso em: jun 2017.

MANSANO, S. Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, Vol. 8, nº 2, 2009. Disponível em: <<http://revpsico.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewArticle/139>>. Acesso em: jun 2017.

NARDI, H. C. *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.